



**Algumas
páginas
de um
Diário**

José Gomes Ferreira

QUANDO n'A MEMÓRIA DAS PALAVRAS recordei o aparecimento da *Seara Nova* num dia qualquer de Outubro de 1921 (*vadiei toda a tarde pelas ruas de Lisboa a cantar sôzinho, de mãos nas algibeiras...*) logo acrescentei pressuroso, que nunca fui seareiro. Afirmção que depois repeti, incansável, pela vida fora, não por motivos de desdouro ou desdém, como se calcula, mas talvez por vaidade, vaidade apenas, a terrível vaidade dos literatos que não perdem a mínima oportunidade para se proclamarem independentes e alheios a grupos literários e políticos, propósito em geral muito aplaudido como virtude maior. Embora, aqui entre nós, essa atitude possa também, em certas ocasiões, não passar de comodismo ou covardia.

No meu caso, confesso abertamente que, desde a adolescência, me deleitei (e deleito) com o convencimento de que sempre pensei com a minha cabeça e defendi (e defendo) as minhas opiniões como entendendo e quero, sem contudo me afastar, por mais que algumas vezes o intente, da aceitação do sonho futuro do advento da Civilização Socialista.

Nunca fui seareiro, nem coisa nenhuma — repiso com gozo de me sentir livre até da liberdade. Ou talvez mais prôpriamente: nunca fui seareiro de recrutamento oficial, com visitas idólatras à sede da *Seara Nova*, assistência a reuniões inúteis, e timidez de discípulo diante das figuras, hoje quase míticas, do núcleo inicial da Revista.

E, no entanto, com que fervor religioso lia Raul Proença, meu mestre de destinos heróicos (que nunca tive). E Raul Brandão, semideus do nosso grupo imberbe que, na década de 20, buscava no *Humus*, n'*Os Pobres* e n'*A Farsa* outra fonte menos aristocrática que a do *Orpheu*. Sem falar em Câmara Reis, meu inesquecível professor do Liceu de Gil Vicente (ao lado de Leonardo Coimbra, de Newton de Macedo, de Ângelo Ribeiro e de Damião Peres), que, passados anos e diluídas em amizade as nossas relações de professor-aluno, serviu de ponte entre mim e a *Seara*. Era a ele que o Manuel Mendes entregava os versos que, de quando em quando, subtraía do segredo do meu laboratório que, nessa altura, funcionava em público na primeira mesa livre que encontrava nos cafés da Baixa.

Além de Câmara Reis conheci, com alguma intimidade de café, Emílio Costa (crente piedoso num socialismo que o bom-senso e a bondade iam engen-

drando com lentidão nas entranhas do tempo) e Faria de Vasconcelos que me ensinou inúmeros aforismos de comportamento psicológico (*Não analise os sentimentos: o amor, a amizade, etc. Aceite as pessoas como são e não como as imagina, etc*), verdades tão verdadeiras e graves que ainda hoje, apavorado da persistência, sinto que me guiam e governam...

E, já agora, não quero esquecer-me da gente da minha idade: o discreto Castelo Branco Chaves (a quem, em certa noite de verão, com a minha exuberância de convidado à força de última hora, estraguei um jantar pacato, combinado por ele e o José Bacelar na Marisqueira. Ainda hoje ranjo de remorsos, quando me lembro dessa intromissão de malcriado mastigante, com a boca a pingar arroz e palavreado com camarões), o Zé Miguéis de «constante memória», o Manuel Mendes, o Fernando Lopes Graça, mais tarde o João José Cochofel, etc., etc.

Nunca fui seareiro — insisto. Mas a verdade é que quando me analiso bem, com minúcia de escarafunchar trevas e sóis, só descubro em mim com espanto regras e ditames mais fortes do que eu, ensinados pelos primeiros homens da *Seara* nas décadas de 20 e de 30.

Porque foi com Proença e Sérgio que aprendi, que aprendemos (alguns até já o desaprenderam com gosto), o código moral das virtudes democráticas (a que eu, por vício de menino, prefiro chamar republicanas) para uso dos intelectuais que, apesar de algumas divergências ideológicas dos tempos de hoje, neste aspecto mais aparentes do que reais, ainda nos guiam, ou, em boa consciência, nos deviam guiar a todos.

Recordo nomeadamente o direito à recusa de honras e de propaganda por meios impuros; a preferência pelos métodos democráticos, a desconfiança militante das armadilhas da vaidade e da megalomania, o «não» decidido à colaboração com as forças pardas dos videirinhos e das oligarquias, transformadas ultimamente em complacentes protectoras das Artes, o culto da *coragem de dizer* através de todos os infernos e lâminas; a inobediência a *slogans* mal digeridos etc., etc.

E no entanto — vejam lá — mantenho a teima de que nunca fui seareiro. Tudo em virtude da maldita «coquetaria (como escrevia Garrett) da independência» que tanto agrada aos literatos e, no meu caso, sobretudo, porque exacerba a ilusão de me sentir livre — até diante do que existe em mim de mais profundo, de autêntico e labareda.